

INSEGURANÇA PÚBLICA, POLÍTICA E POLÍTICOS.

Bruno Engert Rizzo

Quinta-feira, 8 de fevereiro de 2007. Mais uma vez nos vemos diante de um crime bárbaro que comove a sociedade brasileira. João uma criança de seis anos de idade é arrastada até a morte em um veículo roubado.

Tristeza, revolta, desespero, ódio e todo um caldeirão de sentimentos em ebulição, turvando a visão e não nos deixando perceber a verdadeira origem do problema.

Abrem-se discussões diversas, como redução da maioria penal, pena de morte e tantas outras, que na realidade estão desfocadas do cerne da questão.

Somos um povo pacífico, mundialmente conhecido pela alegria, receptividade, disposição de ajuda ao próximo e toda uma série de predicados que não condizem com o que vivemos nos dias atuais no tocante a insegurança e estado geral de abandono. Somos cidadãos órfãos no sentido político.

A questão é que o problema tem raízes muito mais profundas que aparentam e enquanto nós brasileiros assumirmos a postura de aversão à política, viveremos o caos, não só na “insegurança” pública, mas também na educação, na saúde, na economia e em tudo que diz respeito à vida do brasileiro. Quando pensamos que pior não pode ficar, o destino teima em nos testar, impondo expiação mais dura.

Se elegemos a escória ou por outra forma permitimos que a escória se eleja, não podemos esperar bom resultado das políticas públicas.

A escória se assessora do lixo da sociedade e nenhum desses atores têm qualquer compromisso com o país. Faltam-lhes compromisso com o futuro, vontade, moral e mesmo capacidade para desenvolver e implantar políticas públicas focadas em resultados reais para o país.

A grande maioria dos atuais políticos, se preocupa com questões particulares e para fazer o jogo de cena, mantém ações pírias com grande alarde e propagada. Assim a política de segurança pública praticamente se resume a incursões em morros para apartar conflitos entre facções do crime e a política social se compõe de ações que apenas perpetuam e fomentam a miséria. Isso para não entrar no mérito da política de desenvolvimento que deliberadamente parece uma política de atraso.

Vivemos uma farsa. O Presidente da República nos dá o grande exemplo. A máquina pública está eivada de corruptos, venais e toda sorte de pessoas que deveriam estar atrás das grades. Vez por outra quando essas pessoas são flagradas, aqueles que os nomearam, lavam as mãos e com a maior desfaçatez alegam desconhecimento dos fatos.

O congresso por sua vez, deu um recado claro ao povo. Praticamente 2/3 dos parlamentares votaram pela absolvição de seus pares flagrados em atos ilícitos com provas mais do que suficientes para não só cassar-lhes os mandatos, mas levá-los a responder por crimes.

Fatos semelhantes ocorrem em âmbito de governos estaduais e municipais que alçam pessoas de reputação e competência suspeitas a assessores e secretários.

Essa é na realidade a origem do problema. Há décadas, ou talvez séculos, o povo brasileiro vem alçando ao poder, ou por omissão tolerando, pessoas intelectualmente despreparadas e sem estofo moral.

O resultado é exatamente esse caos que vivemos. O tecido social foi esgarçado e esfarrapado. Não temos os direitos mais elementares salvaguardados. Segurança e saúde já faliram. A educação segue o mesmo caminho. Isso para não citar os demais direitos constitucionais.

Enquanto não nos dermos conta do fato que crimes como esse que ocorreu é apenas uma das vertentes de todo um conjunto de políticas públicas equivocadas e que tal fato decorre preponderantemente da escolha de representantes despreparados em todos os aspectos, viveremos esse caos composto por surpresas, barbárie e sofrimento.

Para aqueles que imaginam que este é o limite e que o problema se resolverá com protestos, cartas em jornais, camisas brancas, passeatas e sinais de pomba da paz, fica um convite à reflexão. Não basta que apenas os diretamente afetados, seus parentes e amigos assumam uma posição de indignação e mais crítica diante do processo político do país.

Os verdadeiros responsáveis não se comovem com tais demonstrações, não tem pudor ou vergonha e não sentem o menor remorso ou responsabilidade. Pior ainda, não têm vontade nem capacidade de implantar medidas eficazes, mesmo porque, problemas complexos não se resolvem com medidas teatrais nem discursos e sim com políticas públicas consistentes, bem planejadas e de longo prazo.

Não fosse assim, não estaríamos no fundo do poço, descobrindo que na verdade existe um verdadeiro reino abissal debaixo de nossos pés.

É triste nossa sina, pois quando chegam às eleições somos obrigados e escolher entre o péssimo, o pior e o abominável.

Por outro, a sociedade tem sido extremamente tolerante quando estes eleitos assumem seus mandatos e desonram os cargos que ocupam. Todos parecem entorpecidos. A mídia é branda, o cidadão pouco reclama e se acomoda cada vez mais fundo no atoleiro.

Será que é necessário sofrer algum tipo de agressão para despertar do sono letárgico e passar a se interessar pelo destino coletivo?

Será que o Brasil só terá solução quando pelo menos a metade da população sofrer algum tipo de agressão, para com revolta formar uma maioria mais consciente que se engaje na busca de um Brasil melhor?

Tomara que esse não seja nosso destino.

Em 11/02/2007

Comentários, críticas e sugestões: ofca@ofca.com.br
[O Futuro Começa Agora](#)